

A blurred background image of a young woman with long, light-colored hair, smiling and looking at a laptop screen. She is sitting at a desk in what appears to be a library or study area, with books and papers visible in the background.

MORAL SEXUAL

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, nº 3333 B, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI, CEP: 64018-500.
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	contato@faculdademalta.edu.br
Site da unidade:	faculdademalta.edu.br

Sumário

SOBRE O AUTOR.....	1
APRESENTAÇÃO.....	2
UNIDADE 1 - A HISTÓRIA DA MORALIDADE SOCIAL.....	3
Objetivos.....	3
Introdução.....	3
As sombrias realidades da moralidade sexual hoje.....	4
O panorama histórico da moralidade sexual.....	5
Questões sexuais hoje: como chegamos aqui.....	8
Começa no nascimento (ou impedindo o nascimento).....	9
A questão da Transgenerideade.....	11
Leitura Sugestiva - Livro.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
HORA DE REVISAR.....	13
REFERÊNCIAS.....	14
UNIDADE 2 - A PERSPECTIVA TEOLÓGICA DA MORALIDADE SEXUAL..	15
Objetivos.....	15
Introdução.....	15
O homem como imago dei e a moralidade sexual.....	16
O homem como criação de Deus – fundamento da sexualidade.....	16
O aspecto crístico da sexualidade.....	17
A moralidade sexual e o âmbito do sagrado.....	18
A moralidade sexual e a cosmovisão cristã da humanidade.....	19
Leitura Sugestiva - Livro.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
HORA DE REVISAR.....	23
REFERÊNCIA.....	24
UNIDADE 3 – OS TIPOS DE SEXUALIDADE E A POSIÇÃO CRISTÃ.....	25
Objetivos.....	25
A sexualidade em um espectro.....	29
Por que a sexualidade importa?.....	31
As pessoas precisam identificar sua orientação sexual?.....	31
Onde uma pessoa pode receber apoio?.....	31
Leitura Sugestiva - Livro.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
HORA DE REVISAR.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
UNIDADE 4 – SEXO FORA DO CASAMENTO: UMA PERSPECTIVA BÍBLICA E PASTORAL.....	36
Objetivos.....	36

A Sexualidade na Perspectiva Bíblica.....	36
Pensamentos e Atos: A Seriedade do Pecado Sexual.....	37
Consequências Espirituais e Emocionais.....	37
O Caminho da Restauração.....	38
As muitas razões para a prática sexual fora do casamento.....	38
Aconselhamento Cristão no Contexto da Traição Conjugal.....	40
Aconselhamento ao cônjuge que traiu.....	40
Aconselhamento ao cônjuge traído.....	41
Recomendações práticas aos conselheiros.....	41
Leitura Sugestiva - Livro.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
HORA DE REVISAR.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

SOBRE O AUTOR

Erico Tadeu Xavier

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, BH (2021) tendo como tema o Pentecostalismo Brasileiro. Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia BH (2014) sobre a Eclesiologia Missiológica de Orlando Costas e sua relação com a América Latina. Doutorado em Ciências da Religião - Atlantic International Universit (2019). Doutorado em Ministério - Livre pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR (2004). Doutorado (PhD) em Philosophy in Theology - South African Theological Seminary (2011), reconhecido pela PUC, RJ. Mestrado em Ciências da Religião - Universidad Evangelica de las Americas, Costa Rica (2008), reconhecido pela EST, São Leopoldo, RS. Pós-Graduação em Aconselhamento Pastoral - UniBF, (2020). Especialização em Missão Urbana e Crescimento de Igreja – FTSA (2009). Bacharel em Teologia - Universidad Evangélica de las Américas, Costa Rica (2007). Bacharel em Teologia – Faculdade de Teologia de Boa Vista (2006). Professor de teologia ensino superior com experiência na área de Teologia Sistemática e Missão. Atuando principalmente nos seguintes temas: pneumatologia, soteriologia, escatologia, temas em apocalipse, missão integral, teologia bíblica de missão, pentecostalismo, ecologia, meio ambiente e responsabilidade cristã.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se essencial para a formação profissional do Teólogo, através da disciplina MORAL SEXUAL, conhecer o plano de Deus nas Escrituras Sagradas sobre a sexualidade.

Na Unidade 1 - A História da Moralidade Social são apresentadas as sombrias realidades da moralidade sexual hoje, o panorama histórico da moralidade sexual, questões sexuais hoje, a temática do nascimento ou impedindo do nascimento e por fim a questão do Transgenerismo.

Na Unidade 2 - A Perspectiva Teológica da Moralidade Sexual o homem como Imago Dei e a Moralidade Sexual são tratados, ainda o homem como Criação de Deus – fundamento da sexualidade, os aspectos crístico da sexualidade, a moralidade sexual e o âmbito do sagrado, a moralidade sexual e a teologia dogmática e a moralidade sexual e a cosmovisão cristã da humanidade.

Na Unidade 3 - Os Tipos de Sexualidade e a Posição Cristã, tem como propósito apresentar e esclarecer os diversos tipos de sexualidade reconhecidos atualmente, analisar a relação entre a pluralidade de expressões sexuais e a cosmovisão cristã e refletir sobre os desafios e possibilidades do diálogo entre fé cristã e diversidade sexual.

Na Unidade 4 – Sexo Fora do Casamento: Uma Perspectiva Bíblica e Pastoral, analisa a prática do sexo fora do casamento à luz da cosmovisão bíblica e pastoral, aborda sobre as causas e motivações que levam à infidelidade conjugal e apresenta diretrizes práticas para o aconselhamento cristão em casos de traição conjugal.

O conteúdo proposto não esgota a discussão sobre tal temática, mas quero incentivar a reflexão e a pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Sucesso e bons estudos!

Prof. Dr. Erico Tadeu Xavier

UNIDADE 1 - A HISTÓRIA DA MORALIDADE SOCIAL

Objetivos

- As Sombrias Realidades da Moralidade Sexual Hoje;
- O Panorama Histórico da Moralidade Sexual;
- Questões Sexuais Hoje: Como Chegamos Aqui;
- Começa no Nascimento (ou Impedindo o Nascimento);
- A Questão do Transgenerismo.

Introdução

Deploravelmente, a sociedade vive dias difíceis com o estabelecimento de uma pseudo moralidade sexual, completamente oposta e antagônica aos valores bíblicos sobre o sexo e a família. Os mandamentos e propósitos Divino são completamente removidos da consideração. Em seguida, o sexo é separado de sua função física de conceber filhos. Em seguida, o sexo tornou-se separado das distinções sexuais entre masculino e feminino. Em seguida, o sexo hoje é completamente separado do mundo do Sagrado e do plano de Deus, tornou-se uma busca pessoal por "objetos sexuais" para o sexo consigo mesmo, no erotismo solitário da pornografia. É necessário afirmar que o sexo é uma realidade criada por Deus, e que hoje foi hoje reduzido e separado das ricas dimensões da sexualidade pretendida por Deus — amor, paternidade, moralidade.

Jesus, resumindo um tema recorrente nas Escrituras (a história), explica o que a sexualidade envolve: "Vocês não leram que aquele que os criou desde o princípio os fez homem e mulher, e disse: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne"? Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, não o separe o homem" (**Mateus 19:4-6**).

Jesus ensinou claramente que o sexo cria uma união de "uma só carne" entre um homem e uma mulher, que deve ser permanente. Portanto, o sexo, segundo a Bíblia, está inextricavelmente ligado ao casamento, embora, como aponta o apóstolo Paulo, também seja possível tornar-se "uma só carne" com alguém com quem não se é casado, o que constitui o problema da imoralidade sexual (1 Co 6:12-20).

Pode-se resumir o ensinamento bíblico das Escrituras Sagradas, afirmando que o sexo cria uma união de uma só carne entre um homem e uma mulher, destinada ao relacionamento permanente do casamento, e que, por desígnio, também leva à paternidade/maternidade. A própria natureza e os propósitos do sexo são projetados por Deus e incorporados à sua ordem de criação, pretendidos por Deus para serem a norma ao longo da história.

As sombrias realidades da moralidade sexual hoje

O fato de o sexo ter se desconectado dos propósitos da criação de Deus não implica de forma alguma que ele esteja desaparecendo da consciência das pessoas. Muito pelo contrário! O sexo desvinculado da família se expande por toda parte. Hoje, a preocupação com o sexo se caracteriza na política, na tecnologia e na visão de mundo. Este assunto está presente nas notícias jornalísticas, na literatura, na música, na arte, no cinema e na mídia em geral.

Ao longo da maior parte da história, as questões políticas tiveram a ver com políticas econômicas, relações internacionais, prioridades jurídicas e interesses faccionais baseados nos interesses conflitantes de diferentes regiões, classes sociais ou setores econômicos. Só recentemente é que o sexo se tornou uma questão política. De eleições locais a nacionais, vê-se que as atitudes de um candidato em relação ao sexo e o que o governo deve fazer podem determinar o resultado de uma eleição: a aceitação da homossexualidade por meio do estabelecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o direito da mulher de abortar e de se casar com outra, se o governo federal deve obrigar os empregadores a fornecer anticoncepcionais gratuitos aos seus funcionários, e a lista poderia continuar.

"Direitos gays" e "saúde da mulher" tornaram-se as causas definidoras dos ativistas políticos liberais. A princípio, os conservadores — religiosos ou políticos — se opuseram às medidas da "guerra cultural". Mas, muitos conservadores, em grande parte, acabaram mudando de ideia, apoiando o casamento entre pessoas do mesmo sexo e, às vezes, até o aborto.

Lutzer, eminent escritor e analista do assunto, declara:

Ativistas cristãos, no entanto, discordam dessa abertura e afrouxamento ético e moral da sociedade e de muitos cristãos liberais hoje em dia. E, embora continuem a ter alguma influência política, a sua rejeição da homossexualidade e do aborto tornou os conservadores políticos cristãos cada vez mais vilipendiados e culturalmente marginalizados (LUTZER, p. 19).

Não apenas a política, mas também a tecnologia se tornou sexualizada. A tecnologia atual de computadores e internet pode ser a maior maravilha do mundo moderno. Mas também tem um lado obscuro: um dos lados obscuros da tecnologia é sua aplicação mais comum: a pornografia. Embora os números exatos sejam às vezes contestados, as estatísticas, em geral, são impressionantes (e assustadoras): entre 10% e 30% do uso da internet é para pornografia. Três dos dez sites mais visitados nos Estados Unidos em 2018 eram sites pornográficos. E a principal aplicação da tecnologia de realidade virtual está se configurando como pornografia.

Sobre as realidades sombrias da obsessão sexual atual, Gene Edward Veith Jr. escreve:

Nossa obsessão atual com o prazer sexual como o *summum bonum*, o bem supremo, está moldando a própria maneira como pensamos, nossas ideologias e filosofias... Em nossa cultura hipersexualizada atual, não deveria ser surpresa que a religião tenha se tornado tabu. Sexo, é claro, costumava ser tabu, algo que não deveria ser discutido em companhias educadas, mas agora a religião é... Na verdade, o secularismo que define nossos tempos pós-cristãos, a convicção de que nossa cultura ocidental avançada pode prescindir completamente da religião, pode muito bem ser causada, pelo menos em parte, pelo desejo de nos livrarmos de tudo que possa inibir nossa liberdade sexual (VEITH, p. 101).

O panorama histórico da moralidade sexual

As palavras da Bíblia sobre sexualidade são imutáveis — mesmo que a interpretação dessas palavras seja debatida. Mas é importante considerar as maneiras pelas quais as visões culturais sobre sexualidade mudaram e se transformaram ao longo do tempo. Poucas áreas da cultura e da ética têm mudado mais rápido do que a área do sexo e da sexualidade. Por exemplo, em 2004, os eleitores da Califórnia, nos Estados Unidos, aprovaram a Proposta 8, que sustentava que o casamento é entre um homem e uma mulher. Apenas onze anos depois, a Suprema Corte dos EUA decidiu que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é um direito constitucional. Poucas semanas após essa decisão, outros tipos de arranjos matrimoniais estavam sendo propostos, desde o poliamor ao casamento com parentes consanguíneos, até a bestialidade (casamento com animais). Além

disso, hoje vivemos em meio a uma cultura de "ficar", na qual o sexo está cada vez mais divorciado de relacionamentos significativos.

Embora as relações entre pessoas do mesmo sexo sejam apenas um tópico entre muitos nas controvérsias atuais em torno de questões de sexo e gênero, elas servem como uma porta de entrada adequada para o que será discutido nesta apresentação. Como os debates sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são tão proeminentes hoje, tanto na igreja quanto na cultura, pode parecer surpreendente que a Bíblia aborde explicitamente o assunto apenas algumas vezes no Antigo e no Novo Testamento. Isso provavelmente se deve ao fato de o vínculo sexual entre homens e mulheres, como fonte de fecundidade à imagem e semelhança, e como um tipo da união de Cristo e sua igreja, está entrelaçado em toda a narrativa bíblica, de Gênesis a Apocalipse. Essa norma é assumida como absolutamente verdadeira e paradigmática pela fé Cristã, e é contra esse entendimento que ocorrem as menções e práticas contrárias.

A norma moral entre homens e mulheres era central no mundo das Escrituras, e a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo eram condenáveis nos textos bíblicos. Mesmo sabendo que esta prática era condenável nas Escrituras, percebe-se que nas culturas pagãs circundantes, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era uma prática existente, e esta foi uma das razões que estas nações e povos sucumbiram e foram destruídas por Deus (LUTZER, 2020).

Muitas representações e afirmações de atos eróticos entre pessoas do mesmo sexo na arte e na literatura do antigo mundo greco-romano dão uma imagem clara de suas visões. Platão, por exemplo, em seu livro "Banquete", traçou paralelos favoráveis entre a arte da conversação e a arte de conquistar sexualmente um rapaz. Na Grécia e na Roma clássicas, o sexo conjugal entre um homem e uma mulher servia principalmente na produção de herdeiros legítimos; o sexo entre homens — particularmente um homem mais velho e um jovem (ou seja, pederastia) — era considerado não apenas normal e está presente na literatura pagã e na filosofia.

Alvin J. Schmidt descreve a extensão da homossexualidade e da pederastia no mundo greco-romano. Ele escreve:

Muitas pessoas hoje sabem que os gregos eram notórios por seu comportamento homossexual. Mas muitas vezes desconhecem que o sexo homossexual grego era primariamente pederastia ou pedofilia, isto é, um homem adulto fazendo sexo com um jovem que geralmente tinha entre doze e dezesseis anos. Os romanos praticavam a mesma perversidade. A literatura romana, tanto antes quanto depois do nascimento de Cristo, possui inúmeras referências, semelhantes aos escritos gregos, mostrando que esse tipo de comportamento homossexual era generalizado e comum (SCHMIDT, p. 87).

As categorias de comportamento (e os julgamentos morais correspondentes — ética moral) no antigo mundo greco-romano não se relacionavam a atos homossexuais ou heterossexuais, mas aos papéis ativos ou passivos dos participantes. Um vasto vocabulário de termos latinos associados a diversas práticas sexuais, principalmente gays, revela categorias de comportamento sexual muito diferentes daquelas do mundo judaico-cristão ou do moderno. Na Idade Média, quando o termo "sodomita" era usado para descrever uma pessoa que mantinha relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. As categorias de "homossexual" e "heterossexual" que são assumidas hoje, de fato, só surgiram no século XIX, quando foram desenvolvidas a partir da recém-emergente disciplina da psicologia.

O desenvolvimento desses termos nessa época refletiu uma mudança epistemológica moderna, cada vez mais enraizada na ciência e que buscava explicações médicas e biológicas para todo o comportamento humano. Independentemente da terminologia utilizada, a posição da fé Cristã alicerçada nas Escrituras, sabiamente desaprova este este estilo de vida contrário aos planos e propósitos de Deus.

No entanto, essas categorias binárias precisaram a ser rejeitadas pelos teóricos pós-modernos. Michael Foucault, por exemplo, apontou para a construção de categorias como "homossexual" e "heterossexual", observando a incapacidade de tais categorias de explicar a ampla gama de atração sexual, comportamento e identidade ao longo da história humana (FOUCAULT, 1985).

Os construcionistas sociais argumentam que "não existe um modo dado de sexualidade que seja independente da cultura; até mesmo o conceito e a experiência da orientação sexual em si são produtos da história. Esse abandono de

categorias rígidas e o afastamento das explicações biológicas em favor da experiência sentida e da autoidentificação trouxeram as questões de identidade de gênero, transgenerismo e até mesmo neutralidade de gênero para qualquer discussão atual, tentando lamentavelmente se contrapor às verdades preconizadas pela mensagem Cristã, com foco nos ensinos da Palavra de Deus (WILLIAMS, 1986).

Com a crescente visibilidade e aceitação de gays e lésbicas e uniões entre pessoas do mesmo sexo na cultura em geral, o engajamento da igreja com o tema passou por mudanças bastante rápidas na maneira como os cristãos falam e abordam as minorias sexuais. Assim, assim como ocorreu na Grécia e Roma antigas, bem como na Idade Média e no século XIX, novos vocabulários foram desenvolvidos para lidar com essas questões. Hoje, as congregações religiosas que agora aceitam o comportamento homossexual como aceitáveis a Deus se autodenominam "acolhedores" e "afirmativos". As igrejas Cristãs, imitando o próprio Cristo, podem e devem ser acolhedoras com os pecadores sem aceitar no entanto como normal e normativo, um estilo de vida sexual que seja contrário ao parâmetro das Escrituras.

Mesmo a partir desta revisão superficial, fica claro que as atitudes culturais e a compreensão da identidade, do comportamento e da prática sexual mudaram drasticamente ao longo do tempo e provavelmente continuarão a mudar. O cristão, no entanto, é capaz de se firmar firmemente na visão bíblica da sexualidade para se envolver criticamente com as mudanças de entendimento.

Para compreender quão abrangentes foram as mudanças de atitude e compreensão na ética sexual dentro da cultura ao longo do último século, é importante descrever o desenvolvimento de algumas das questões críticas e controversas atualmente.

Questões sexuais hoje: como chegamos aqui

A análise histórica que demonstra a ampla aceitação, na cultura e na sociedade, de práticas sexuais muito diferentes do desígnio de Deus para o casamento, o sexo e a família. Não é surpreendente, visto que lemos o que o apóstolo Paulo declarou na carta aos Romanos:

Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro (Romanos 1:26-27. Edição Revista e Atualizada – ARA).

Em antigas culturas pagãs, tais práticas sexuais — perversões sexuais pecaminosas aos olhos de Deus — eram normalizadas; até mesmo aceitas como parte de suas práticas de adoração. Mas não apenas em culturas antigas.

Mas a aceitação e a prática generalizadas de pecados sexuais desviantes em culturas e sociedades pagãs são uma coisa; outra bem diferente é quando ocorrem em uma cultura que anteriormente construiu seus padrões éticos e leis sociais com base em valores judaico-cristãos. Esse foi o caso na Europa, mas especialmente na América. De fato, nossa ética mudou radicalmente durante os séculos XX e XXI. O que se segue é um breve olhar sobre várias "mudanças" éticas significativas — todas relacionadas ao casamento, à sexualidade e à família — que ocorreram em nossa história recente; mudanças profundas que agora afetam nossa cultura e desafiam nossas crenças cristãs.

Começa no nascimento (ou impedindo o nascimento)

Pecados sexuais de todos os tipos têm sido um problema constante ao longo da história humana. Cada época tem seus casos extraconjogais, amantes e bebês nascidos fora do casamento. A prostituição era galopante no mundo antigo, na Idade Média e durante toda a era vitoriana. Ironicamente, a palavra "vitoriana" tornou-se sinônimo de propriedade sexual, e ainda assim as ruas da Londres do século XIX e as cidades em expansão do Velho Oeste americano naquela época eram notórias por seus bordéis e exploração sexual.

Lutzer assim informa historicamente:

Por exemplo, a prostituição só foi ilegalizada nos Estados Unidos no início do século XX, em grande parte devido ao ativismo da União Cristã de Temperança Feminina. A revolução sexual que começou na década de 1960 e que vem se perpetuando desde então teve a ver, em grande parte, com a

prevenção da natalidade, isto é, com a dissociação do sexo da procriação (LUTZER, p. 27).

Mesmo os não cristãos do Iluminismo e do materialismo do século XIX tendiam a apoiar os princípios da moralidade sexual cristã, não por causa dos absolutos morais dos mandamentos de Deus, mas com base na ética utilitarista. Sexo fora do casamento é errado, eles raciocinavam, porque pode resultar em filhos nascidos fora do casamento, o que pode ser catastrófico para a mãe e um fardo para a sociedade. Mas, uma vez que essa preocupação foi abordada, por meio da tecnologia, essas razões utilitaristas para limitar o sexo ao casamento evaporaram. Eis que surgiu a pílula!

A pílula parecia ser uma maneira segura, simples e fácil de usar para prevenir a gravidez. As mulheres, em particular, sentiam-se empoderadas. A pílula deploravelmente reforçou a causa do feminismo, da "libertação feminina", libertando as mulheres das restrições ao casamento, à gravidez e à criação dos filhos — agora as mulheres podiam reivindicar total igualdade com os homens. E os homens podiam usar as mulheres sexualmente sem inibições.

A revolução sexual, com sua prevenção tecnológica da natalidade, foi uma revolução cultural, devastadora e catastrófica para a unidade básica de qualquer cultura: a família. A autorrealização substituiu o amor, o serviço e o sacrifício ao cônjuge e aos filhos como propósito da vida familiar. Consequentemente, a taxa de divórcios disparou no mundo inteiro (WILCOX, 2019).

A mentalidade de que se deve impedir a natalidade em nome da autorrealização, trouxe algo ainda mais horrível e corruptor: o aborto. Descobriu-se que o uso da pílula anticoncepcional e de outros dispositivos contraceptivos nem sempre impede a concepção. Se não pudesse impedir a natalidade antes de conceber um filho, sempre poderiam impedir o nascimento depois, abortando-o. Prevenir a natalidade matando o bebê antes de ele nascer tornou-se culturalmente aceitável, defendido na retórica da "saúde da mulher" e da "escolha da mulher", tristemente.

Os progressistas fizeram do aborto sua questão definidora. Feministas transformaram o aborto em virtude. Modernistas rejeitaram a razão e a ciência ao sustentar que um feto não é humano. Pós-modernistas descartaram suas

preocupações com poder e opressão ao insistir no direito da mulher de exercer seu poder para destruir seu bebê (VEITH, p. 105).

O aborto não é apenas hediondo em si; é profundamente corruptor. O que acontece com a instituição familiar quando mães e pais se dispõem a matar seus próprios filhos? Politicamente, é difícil levar políticos a sério quando eles pretendem defender os pobres e marginalizados enquanto, ao mesmo tempo, defendem a matança dos mais pobres e marginalizados de todos, os bebês no útero. A profissão médica é corrompida quando aqueles com a vocação e o juramento de curar seus pacientes se envolvem em os bebês através do aborto. Conceitos éticos tão nobres como liberdade, escolha e direitos são corrompidos quando são usados como pretextos para o aborto.

E aqui está o choque fundamental entre o cristianismo e as enormes mudanças que estão ocorrendo na cultura em geral. A visão cristã da sexualidade humana tornou-se uma posição minoritária em nossos dias. Por causa disso, há agora uma enorme pressão de fora das igrejas cristãs (e às vezes de dentro) para revisar a antiga ética sexual do cristianismo, a fim de torná-la compatível com o novo espírito da era. Aqueles que não se conformam são abertamente chamados de "intolerantes" ou "homofóbicos", ou às vezes pior. Parece haver uma campanha ativa para marginalizar qualquer pessoa que trate a homossexualidade como pecado.

Falando sobre a destruição da moral (ética sexual) desta geração, Albert Mohler escreve:

A revolução sexual continua a acelerar, levando tudo em seu rastro. Dado o desdém pela biologia, ciência e decência, ela pretende destruir o próprio conceito de masculinidade e feminilidade desde os primeiros anos de vida de uma criança... Como se corrompe crianças?... normaliza-se o bizarro (MOHLER, p. 81).

A questão da Transgeneridade

Pode-se pensar que tal visão seria difícil de aceitar hoje, dada a visão de mundo naturalista e científica que se acredita dominar nossa cultura secular. Esta visão corrupta e longe da fé cristã defendida pelo mundo transgênero tornou-se quase inquestionável entre a elite cultural moderna no mundo contemporâneo. Expressiva parte da mídia e dos meios de comunicação, e até nos círculos acadêmicos, faz-se apologia aos absurdos das distorções morais da sociedade.

Em adição, há ainda os médicos cientificamente treinados que realizam as lucrativas cirurgias de "confirmação de gênero"). Assim, o transgenerismo afirma que qualquer gênero que lhe tenha sido "atribuído" por Deus ou pela natureza não faz diferença. Seu gênero é como você se identifica. A identificação costumava ser considerada um exercício empírico: observar algo e então identificar o que é. Mas agora essa identificação é uma construção (ou seja, pós-modernismo), uma imposição da vontade (ou seja, pós, pós-modernismo). O que você deseja ser é o que você é. Seu gênero é como você se identifica.

É por isso que sites de mídia social como o Facebook listam até setenta e uma opções diferentes de gênero que um usuário pode selecionar para se identificar. Uma pessoa pode até ter vários gêneros. Agora que os gays têm seu argumento de que a orientação sexual é inata, permanente e imutável — uma noção que influenciou os argumentos jurídicos a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Se o "gênero atribuído ao nascer" não for o gênero real e autodeterminado, mas um problema potencial que pode frustrar a verdadeira natureza da criança, algo precisa ser feito. Alguns países hoje decidiram que não querem que nenhum gênero seja registrado na certidão de nascimento de seus bebês, pois querem que o bebê tome essa decisão por si mesmo. Muitos chegam ao ponto de criar seus filhos sem qualquer designação de gênero, mantendo o sexo biológico da criança em segredo da família, dos amigos e até mesmo da própria criança. Esses chamados "eles", bebês que são chamados pelo pronome neutro, mas plural, "eles", são protegidos de qualquer influência de gênero em suas roupas, brinquedos ou tratamento. Quando forem mais velhos, eles poderão decidir qual gênero desejam ter, se houver, o que é um profundo absurdo!

A noção subjacente é que a identidade de qualquer variedade — sexual, étnica, nacional ou de capacidade — não é herdada nem determinada por fatores externos, mas repousa inteiramente na vontade do indivíduo. Na prática, isso significa que você pode se definir com qualquer conjunto eclético de etnias, gêneros, orientações sexuais ou habilidades que desejar. Mas a multiplicação de identidades de gênero e suas orientações sexuais corre o risco de ruir sob o peso de sua própria incredulidade. Simplesmente proferir as palavras "Eu me identifico como..." não é um

pronunciamento legal, nem pode efetuar uma mudança ontológica na constituição psicológica e física de uma pessoa. Tratar as pessoas como elas desejam ser tratadas é uma coisa, mas atender a um número infinito de identidades com hibridismo peculiar e derivações estranhas é outra bem diferente.

Leitura Sugestiva - Livro

AGOSTINI, Nilo. **Introdução à Teologia Moral.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto tratado nesta unidade é de suma importância para a realidade Igreja de Cristo, em seu modus vivendi e operandi. Diante de todas distorções e até perversões contrárias à Palavra de Deus sobre esta matéria, foi enfatizado que se faz mister seguir os parâmetros das Santas Escrituras, em quaisquer épocas da história. Face às múltiplos interpretações sobre a sexualidade no mundo hoje, foi abordado a verdade absoluta do ensino do Senhor Jesus: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne" (Mateus 19:4-6).. A análise histórica demonstrou a ampla aceitação, na cultura e na sociedade, de práticas sexuais muito diferentes do desígnio de Deus para o casamento, o sexo e a família. Assim sendo, chegou-se à conclusão de que a fé Cristã precisa prontamente enfatizar os valores absolutos da inerrante Palavra de Deus e jamais barganha-los no mundo hoje.

HORA DE REVISAR

A biologia ainda é um fator importante na definição de gênero. O fato é que cada célula do corpo humano é codificada com DNA masculino e feminino. Além disso, existem diferenças reais entre homens e mulheres no nível de atributos físicos e na estrutura neurobiológica de seus cérebros. Deve-se reconhecer que as diferenças entre homens e mulheres existem; elas são dadas por Deus e boas. Elas enriquecem a vasta gama de experiências humanas e, sem dúvida, contribuem para o florescimento humano. O que os cristãos devem entender é que Deus criou a

humanidade como homem e mulher, para a manifestação da glória de Deus e isto é um axioma da fé Cristã e um valor inalienável das Santas Escrituras.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT. Michael. **The History of Sexuality**. New York, USA. Random House, 1985.
- LUTZER, Erwin W. **We Will Not Be Silenced: Responding Courageously to Our Culture's Assault on Christianity**. Eugene, Oregon, USA, Harvest House, 2020.
- MOHLER Albert. **The Gathering Storm: Secularism, Culture, and the Church**. Nashville, USA: Thomas Nelson Books, 2020.
- SCHMIDT, Alvin J. **How Christianity Changed the World**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004.
- VEITH, Gene Edward, **Post-Christian: A Guide to Contemporary Thought and Culture**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway, 2020.
- WILLIAMS, Walter L. **The Spirit and the Flesh** (Boston: Beacon Press, 1986, P. 55.
- WILCOX, Bradford. “**The Evolution of Divorce**”, National Affairs (Spring 2019), <http://www.nationalaffairs.com/publications/detail/the-evolution-of-divorce>.

UNIDADE 2 - A PERSPECTIVA TEOLÓGICA DA MORALIDADE SEXUAL

Objetivos

- O Homem como Imago Dei e a Moralidade Sexual;
- O Homem como Criação de Deus – Fundamento da Sexualidade;
- O Aspecto Crístico da Sexualidade;
- A Moralidade Sexual e o Âmbito do Sagrado;
- A Moralidade Sexual e a Teologia Dogmática;
- A Moralidade Sexual e a Cosmovisão Cristã da Humanidade.

Introdução

Por um período longo e considerável, a Moral dos indivíduos tratou de questões pertinentes à sexualidade e no âmbito pessoal enfatizou-se como fundamental para a reflexão da prática cristã. Todavia, com o desenvolvimento das chamadas ciências humanas e sua reverberação, mormente nas últimas décadas do século XX e início deste século XXI, na teologia moral, tornou-se mais comum denominá-la Ética Teológica da Sexualidade. De acordo com Salzman, “Isto acontece por causa da ênfase em afastar a atenção do assunto da pessoa, tomado em sua essência. Isso se deve ao cuidado que se tem em desviar a atenção da “pessoa”, para dar maior foco à existência humana” (SALZMAN, 2012).

Ao redor da existência humana tentam harmonizar os caráteres subjetivo, intersubjetivo e social da sexualidade, com o auxílio do conhecimento da psicanálise, da sociologia da antropologia, da filosofia política e de outras áreas do saber que estudam o fenômeno do corpo e da sexualidade humana.

Nessa perspectiva, a Ética Teológico-Cristã da sexualidade procurou fundamentar-se na experiência adquirida pelo indivíduo na sua existência concreta, e, em adição, na consciência de que essa mesma experiência se expressa no conhecimento científico. Esta centralidade da existência sexual alicerçada no sujeito abstrato do corpo e do sexo. está em antagonismo com a ética da sexualidade Cristã. Assume-se hoje, erroneamente, uma antropologia na qual o ser humano é corpo e não alguém que meramente possui um corpo.

Na perspectiva das sociedades sociais desprovida do Sagrado, o corpo e sexo não se opõem, não estão em competição e, portanto, rejeitam qualquer dualismo entre corpo e alma. A consequência imediata dessa abordagem é que a sexualidade deixa de ser vista como fazendo parte do plano e da criação de Deus, para ser vista como fruto da mera experiência vivida pelas pessoas no seu dia-a-dia, uma mera necessidade fisiológica e nada mais.

Deploravelmente, o ser humano é visto tão somente como sujeito sexuado. Isto reduz o indivíduo ao corpo-objeto abordado pelas ciências empíricas, referindo-se ao homem como um acontecimento enquanto a sexualidade é contemplada como algo que está por ser construída. Desta forma nas relações com e para os outros no mundo, na cidade.

O homem como imago dei e a moralidade sexual

A moral Teológica da Sexualidade leva em conta o fato de que a experiência humano-cristã é inseparável da nossa humanidade e da nossa criação como Imago Dei (Imagem de Deus). O fato de o Filho de Deus ter tomado a forma Humana na história, para a nossa salvação, é um fato supremamente importante em termo salvífico e também para a história da humanidade. Assim, o seguimento de Cristo como categoria ética incorpora um diferencial ou novidade em relação à experiência da sexualidade (FUCHS, 1995). A saber, destaca o impacto da revelação cristã na vida humana e a forma como Cristo é seguido graças à corporeidade e à sexualidade, ambas assumidas como dom da criação e graça da salvação em Cristo.

O homem como criação de Deus – fundamento da sexualidade

A moral sexual cristã pressupõe que corpo e sexo não sejam considerados meros meios ou trampolins para outro fim, mas sim o modo pelo qual se tem acesso concreto à vida sexualmente humana, dita e vivenciada, em Cristo. Dessa forma, a reflexão (cristã) sobre a sexualidade se dá na interface entre a Ética Teológica Fundamental e a Ética Teológico-Cristã do corpo. Sem uma antropologia teológica do corpo, a ética da sexualidade corre o risco de ser asséptica e sem incidência na existência encarnada de pessoas que vivem com o horizonte da fé cristã.

Sesboue, eminent escritor, francs, faz a seguinte assertiva:

“A Ética Teológica Fundamental inclui no horizonte de sua reflexão o caráter universal da ação humana. O que Cristo revela para a humanidade a partir de sua história diz respeito, antes de tudo, ao sentido da existéncia humana referida à criação. Assim, essa categoria teológica pode ser traduzida, em termos seculares, como “finitude” e esta, por sua vez, aparece inseparável da criatividade da condição existencial do ser humano, como criação de Deus (SESBOÜE, p. 227).

Assim, na perspectiva do corpo próprio, a teologia advoga a humanidade na perspectiva da criação de Deus. Portanto, a moral Teológico-Cristã da sexualidade se constrói a partir do homem como criação de Deus.

O aspecto crístico da sexualidade

A moral Teológica contempla em sua obra a singularidade da experiência cristã segundo sua diferença específica. A configuração da vida cristã se tece na interpelação ou no embate corpo a corpo com as diversas alteridades. Ao ouvir as Escrituras, na vida da comunidade cristã, na celebração, na Liturgia e no encontro com o corpo do humano, a vida cristã é um convite para glorificar a Deus no corpo e na alma. Usar o corpo em santidade de vida.

Na perspectiva da vida especificamente cristã, essas alteridades instigam o cristão a viver a sexualidade como um acontecimento humano associado, por sua vez, ao “Fato Cristão” que a inspira. Essa dinâmica relacional se traduz e se realiza na contínua incorporação do cristão ao Corpo de Cristo.

A sexualidade, na perspectiva cristã, também assume um caráter sacramental. Ela é vivida pelos cristãos como testemunho e sinal da entrega amorosa de Cristo por seu corpo. A sacramentalidade da vida sexual, por sua vez, assume múltiplas formas na diversidade da comunidade cristã inserida no mundo.

GONZALEZ-FAUS, notável escritor, faz a seguinte declaração:

Há aqueles que se sentem chamados a contrair um vínculo amoroso por meio do matrimônio, cuja união se expressa na união física e espiritual. Há outros que optaram por consagrar-se à vida religiosa como forma de servir ao Reino de Deus. Nela, a sexualidade assume a modalidade de uma vida consagrada celibatária. Outros optam pela vida clerical, na qual, especificamente, no celibato sacerdotal (GONZÁLEZ-FAUS, p. 112).

A moralidade sexual e o âmbito do sagrado

O âmbito sagrado da vida cristã é o fundamento para a reflexão ético-teológica sobre o uso do corpo, a partir do mistério da encarnação e seu

desdobramento na criação, salvação e santificação – o cristão é também no uso do corpo de forma sábia, em santificação, graças à filiação divina instituída por Cristo. Sendo Filho, a encarnação do Verbo inaugura para a humanidade a possibilidade de viver em profunda comunhão com Deus e de se incorporar à vida trinitária.

Uma vez habitado pelo Espírito de Cristo, o ser humano recebe o dom e a tarefa de santificar sua vida a partir do próprio corpo e sexo. A sexualidade, portanto, lida à luz da Teologia Cristã do Corpo, afirma-se como caminho para uma vida espiritual autêntica, contanto que esteja em harmonia com as Escrituras. As proposições verdadeiras e reais da fé Cristã à luz da Palavra de Deus valorizam o corpo e o espírito como expressões da espiritualidade.

A moralidade sexual e a teologia dogmática

Graças às razões antropológicas e teológicas já referidas, deve-se ter em mente que a ética e moral cristã é inseparável da Teologia Dogmática. Dependendo de como os vários tratados de Teologia – Teologia Fundamental, Cristologia, Trindade, Pneumatologia, Eclesiologia, e outros ramos da teologia abordam a questão a questão do corpo, torna-se determinante o entendimento e postura cristã sobre o assunto. Tendo em vista aos parâmetros da ética teológica, precisa-se enfatizar a sua atuação moral sexual e o uso do corpo, a partir da dimensão da espiritualidade bíblica. Tanto no ensino quanto na postura na sociedade, deve-se aceitar somente o que tem fundamentação bíblica.

O caráter normativo da ética da sexualidade visa unicamente proteger a sexualidade das ameaças da “tirania do prazer” (GUILLEBAUD, 1999). Isso tende a esvaziar o sentido original do corpo-sujeito e do sexo-sujeito. Portanto, entende-se que as leis e proibições relativas ao autoerotismo à prostituição, à pedofilia, à pornografia etc. visam proteger os indivíduos contra aquilo que compromete o sentido genuíno e original da sexualidade.

Daí a necessidade de associar o cuidado às obrigações de respeito ao próprio corpo/sexo, ao respeito ao corpo do outro e ao respeito ao terceiro corpo da relação e na relação. Thevenot, eminente escritor, assim declara:

Graças a isso, a ética se articula a partir de duas dimensões fundamentais, a saber, a do “sentido” da sexualidade (seu fim) em torno do cuidado e da estima e a das “obrigações” do sexo, estruturadas em torno do respeito dos indivíduos e dos grupos humanos. Com base na estrutura da ética da sexualidade, é possível formular o juízo ético sobre as diversas expressões

da experiência da sexualidade. Ora, se a vida sexual é indissociável do caráter relacional da existência, não há como pensar o significado da sexualidade sem evocar a questão da castidade (THEVENOT, p. 90).

A moralidade sexual e a cosmovisão cristã da humanidade

A cosmovisão cristã da humanidade afirma que somos criaturas de Deus. Isso significa, em primeiro lugar, que se deve entender que a humanidade não se originou de um processo evolutivo aleatório, mas de um ato consciente, proposital de Deus. Portanto, a existência humana tem um motivo, uma razão que repousa na intenção do Ser Supremo. Em segundo lugar, a imagem de Deus é intrínseca à humanidade. Não seríamos humanos sem ela. De toda a criação, somente nós somos capazes de ter um relacionamento pessoal consciente com o Criador e de reagir a Ele.

Por terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, os homens não conseguem descobrir seu verdadeiro significado quando consideram eles mesmos e sua felicidade pessoal, como os mais elevados valores. O valor deles lhes foi conferido por uma fonte superior, e só são satisfeitos à medida que viverem em função do seu Criador. Além disso, essa perspectiva cristã proporciona um senso de identidade ao indivíduo. A imagem dos homens como máquinas, por exemplo, conduz os homens a serem vistos como seres insignificantes e esvaziados de qualquer valor intrínseco ou metafísico. A perspectiva cristã enxerga cada indivíduo como possuindo valores intrínsecos, outorgados pelo próprio Deus quando os criou.

Quando falamos da origem da humanidade, estamos falando de algo mais que seu simples início. O quadro bíblico é que Deus, perfeitamente sábio, poderoso e bom criou a raça humana para amá-lo e servi-lo, e para desfrutar de um relacionamento com ele. Gênesis contém dois relatos da criação da humanidade por parte de Deus. Em Gen. 1:26, 27 registra a decisão divina de fazer os seres humanos à sua própria imagem e semelhança.

Dentro de uma perspectiva hermenêutico-teológica devem ser considerados os seguintes pontos:

- 1) O fato de que os homens foram criados a imagem de DEUS, significa que eles não possuem uma existência independente (Atos 17:24-28);
- 2) O fato de que os homens foram criados a imagem de DEUS, significa que eles não são o produto da geração espontânea (Gênesis 1:26, 27);

- 3) O fato de que os homens foram criados a imagem de DEUS, não significa que eles não sejam finitos e circunstanciais (Tiago 4:13-15);
- 4) O fato de que os homens foram criados a imagem de Deus, significa que eles ocupam um lugar proeminentemente importante, ímpar e singular em toda a criação de Deus (Salmo 8; Hebreus 9:27);
- 5) O fato de que os homens foram criados a imagem de Deus, significa que todos eles estão nas mesmas condições de igualdade, quer na vida quer na morte (Jó 14:1-10);
- 6) O fato de que os homens foram criados a imagem de Deus não significa que eles sejam uma emanção da substância de Deus;
- 7) O fato de que os homens foram criados a imagem de Deus não significa que eles sejam uma forma de Deus (Sal. 39:4-7).

Muitos antigos filósofos e pensadores viram na materialidade a causa principal para as variadas carências existentes no mundo, e na verdade inúmeros sistemas religiosos e filosóficos defenderam esta concepção. Exemplificando, as doutrinas hindus de redenção do bramanismo e do budismo tentaram romper com a causalidade retributiva do karma (defendido por outros) e libertar de um mundo finito, que em consequência da prisão da materialidade exterior é tido como profundamente marcado pela doença, pobreza e morte.

Ainda outros afirmam que a finitude de todo ente que existe materialmente, vê-se em inúmeros seres individuais que, levados pela fome e em luta pelo espaço necessário para existir, hostilizam-se e matam-se entre si. Afirmam que a finitude de todo ente que existe materialmente torna-se, desta maneira, na prática da morte por todos os seres vivos em virtude da falta de espaço e alimento, instrumento de limitada manutenção da vida; a carência ontológica da finitude amplia-se assim nos males físicos, a que os seres individuais se vêem necessariamente expostos. O pessimismo imanente que se associa a semelhante visão do mundo pode ir ao ponto de negar a priori a possibilidade da criação do mundo material por Deus, divindade absoluta, e brandir o caráter de carência do mundo como um argumento em prol do ateísmo.

Torna-se, de certa forma mais aguda, a problemática da finitude na questão da origem do mal moral. A antropologia cristã sempre sublinhou a importância da

ação livre do homem, e assim entender o mal moral como ato responsável do homem. Muitos pensadores afirmam que o enredamento nas carências e impasses da materialidade já obriga a existência humana a ações que a tornam objetivamente culpada.

O posicionamento hostil ao corpo, presente em vários movimentos religiosos ascéticos, esteve em parte, marcada sobretudo pelo medo de que a vontade moral pudesse, pelo excesso do impulso, vir a ficar apegada ao finito e assim viesse a ser seduzida pelo pecado (as ordens monásticas medievais, por exemplo).

Todo ente que existe materialmente surge no tempo e perece no tempo, e este doloroso antagonismo de devir parece apontar, de maneira mais clara, para a carência do mundo material. Além disso, a matéria traz consigo o limite de tudo o que existe, finitamente, no tempo e no espaço.

Toda a cosmovisão da antropologia contemporânea precisa considerar que nenhum aspecto da vida do ser humano pode ser o seu fim supremo, separado de sua dependência e responsabilidade diante de Deus. Uma das mais básicas pressuposições da visão cristã acerca do homem é a crença em Deus como o Criador, cuja premissa guia-nos para o axioma cristão de que nenhum ser humano existe autonomamente ou independentemente. Só Deus é um Ser não contingente, autônomo, livre e independente; só Ele tem vida em si mesmo. Todas as criaturas são seres contingentes e dependentes.

Que Deus preserva todas as suas criaturas, incluindo o ser humano, implica em que eles são dependentes Dele para a sua contínua existência. O apóstolo Paulo, falando para os filósofos estóicos e epicureus em Atenas, no primeiro século da era cristã, enunciou um dos mais belos axiomas teológicos do Cristianismo em todos os tempos: “Deus não é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois Ele é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação. Pois Nele vivemos, nos movemos e existimos” (**Atos 17:25, 28**).

Leitura Sugestiva - Livro

GRENZ, Stanley. **A Busca da Moral**. São Paulo, SP. Editora Vida, 1997.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta unidade foi abordado o homem como *Imago Dei* como um fator determinante para o desenvolvimento de uma moralidade sexual saudável. Foi visto também nesta unidade que enxergar o homem como o homem como *Criação de Deus*, é um valor intrinsecamente Fundamental nas Santas Escrituras, para toda e qualquer compreensão da natureza da sexualidade. Em adição, enfatizou-se que a sexualidade na perspectiva cristã, é revestido um caráter sacramental e que não se pode separar este assunto do âmbito do sagrado, visto que, uma vez habitado pelo Espírito de Cristo, o ser humano recebe o dom e a tarefa de santificar sua vida a partir do próprio corpo e do sexo. Em termos dogmáticos, foi exposto nesta unidade que o caráter normativo da ética da sexualidade, visa unicamente proteger a sexualidade das ameaças da “tirania do prazer”. Portanto, é supremamente necessário enxergar a moralidade sexual a partir de uma cosmovisão Cristã da humanidade.

HORA DE REVISAR

Em primeiro lugar, ainda que se venha a assumir que a sexualidade faz parte dos planos de Deus, não se pode negar a contingência, a queda, o pecado e a morte implícitos na experiência humana.

Em segundo lugar, é preciso ver que as perversões e desvios sexuais, são verdadeiramente consequências do afastamento de Deus e dos ensinos das Escrituras Sagradas sobre a verdadeira sexualidade.

Em terceiro lugar, para que a sociedade contemporânea tenha uma moralidade sexual saudável, se faz mister seguir o caráter e o ensino paradigmático das Santas Escrituras sobre o assunto aludido.

REFERÊNCIA

- GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A Tirania do Prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- GONZÁLEZ-FAUS, José Ignacio. **Verdade e Discurso Anticlerical**. São Paulo: Loyola, 1993.
- SALZMAN, Todd. **The Pessoalidade Sexual. Uma Renovação da Antropologia Católica**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- SESBOÜE, Bernard. **Jesus in the days of his flesh**. In: _____. **Jesus Christ in the tradition of the Church**. Paris: Desclée, 1982.
- THEVENOT, Xavier. **Caridade: Um Regulamento Saudável da Sexualidade – Perspectivas Éticas para um Novo Mundo**. São Paulo: Loyola, 1982.

UNIDADE 3 – OS TIPOS DE SEXUALIDADE E A POSIÇÃO CRISTÃ

Objetivos

- Apresentar e esclarecer os diversos tipos de sexualidade reconhecidos atualmente;
- Analisar a relação entre a pluralidade de expressões sexuais e a cosmovisão cristã;
- Refletir sobre os desafios e possibilidades do diálogo entre fé cristã e diversidade sexual.

O debate sobre sexualidade tem ganhado espaço significativo na sociedade contemporânea, especialmente diante do reconhecimento da diversidade de experiências sexuais, afetivas e identitárias. Termos como assexual, pansexual, birromântico, entre muitos outros, passaram a fazer parte do vocabulário popular e acadêmico, revelando a complexidade com que as pessoas vivenciam sua afetividade e seus desejos. Nesse contexto, torna-se imprescindível compreender essas diversas manifestações para dialogar com empatia e responsabilidade, sobretudo no meio cristão, onde muitos desses temas ainda são vistos com resistência.

Esta Unidade tem como objetivo apresentar um panorama dos principais tipos de sexualidade atualmente reconhecidos, conforme descrições amplamente divulgadas por centros de apoio à comunidade LGBTQIA+, além de discutir a postura cristã frente a essa pluralidade. A proposta não é apenas informar, mas refletir sobre como a fé cristã pode se posicionar de forma bíblica e pastoral, considerando o acolhimento, o amor ao próximo e os princípios éticos defendidos pelas Escrituras.

Abaixo estão as definições de alguns tipos de sexualidade.

- 1) **Alorromântico:** Uma pessoa que se identifica como alorromântica experimenta atração romântica pelos outros.
- 2) **Alossexual:** Este é um termo guarda-chuva. Uma pessoa que se identifica como alossexual normalmente sente atração sexual por outras pessoas. Eles também podem querer fazer sexo com um parceiro. As pessoas que se

identificam com essa orientação também podem se identificar com outra sexualidade, como ser gay, lésbica ou bissexual.

- 3) **Androsexual:** As pessoas que se consideram androsexuais sentem atração por homens, pelo masculino ou pela masculinidade percebida, independentemente de terem ou não sido designados homens no nascimento.
- 4) **Arromântico:** Uma pessoa que se identifica como arromântica pode não sentir nenhuma atração romântica por ninguém. As pessoas que são arromânticas podem não querer um relacionamento além da amizade. Aqueles que se identificam com essa orientação também podem se identificar com outra orientação. A atração romântica de uma pessoa pode ser diferente de sua atração sexual. Por exemplo, uma pessoa pode não ser romanticamente atraída por outras, mas pode ser sexualmente atraída por algumas.
- 5) **Assexual:** Assexual é um termo abrangente que abrange um amplo espectro de orientações sexuais. De acordo com o [LGBTQIA Resource Center](#), a assexualidade é um espectro. Algumas pessoas podem não sentir atração sexual ou romântica por ninguém, enquanto outras podem experimentar graus variados de atração sexual ou romântica por pessoas. Quem se identifica com essa orientação não precisa se abster do sexo para ser assexual. Algumas orientações que existem dentro do espectro da assexualidade incluem:
 - **Aversão ao sexo:** É quando uma pessoa é aversa ou totalmente desinteressada em sexo e comportamento sexual.
 - **Favorável ao sexo:** É quando uma pessoa tem sentimentos positivos em relação ao sexo em algumas situações.
 - **Indiferente ao sexo:** Refere-se àqueles que se sentem neutros em relação ao sexo e ao comportamento sexual.
 - **Repulsa ao sexo:** Refere-se àqueles que sentem repulsa pelo sexo e pelo comportamento sexual.
 - **Cupiossexual:** Se alguém se identifica como cupiossexual, ele não sente atração sexual, mas ainda deseja se envolver em comportamento sexual ou ter um relacionamento sexual.

- **Assexual Libidoísta:** Este termo refere-se àqueles que são assexuados e experimentam sensações sexuais que podem satisfazer com masturbação ou auto-estimulação.
 - **Graysexual:** Aqueles que são *graysexual* experimentam atração sexual com pouca frequência ou não muito intensamente.
 - **Grayromantic:** As pessoas que se identificam como *grayromantic* podem experimentar atração romântica raramente ou não muito fortemente.
- 6) **Autorromântico:** Aqueles que são autorromânticos experimentam uma atração romântica por si mesmos. Isso não significa que eles também não sintam atração romântica pelos outros.
- 7) **Autossexual:** Aqueles que se identificam como autossexuais experimentam uma atração sexual por si mesmos. Da mesma forma que aqueles que são autorromânticos, as pessoas que são autossexuais também podem sentir atração sexual por outras pessoas.
- 8) **Bicurioso:** As pessoas que se identificam como bicuriosas estão interessadas em ter uma experiência sexual ou romântica com alguém do mesmo sexo. O termo indica que a pessoa experimenta alguma incerteza sobre como ela se identifica romanticamente ou sexualmente.
- 9) **Birromântico:** As pessoas que se identificam como birromânticas sentem atração romântica, mas não necessariamente sexual, por mais de um gênero.
- 10) **Bissexual:** Uma pessoa que se identifica como bisexual pode ser de qualquer gênero. Bissexualidade significa que uma pessoa sente atração por seu próprio gênero e outros gêneros ou por qualquer pessoa, independentemente de seu gênero. Algumas pessoas também podem usar os termos bisexual e pansexual em momentos diferentes para descrever sua orientação sexual, observa o [Centro de Recursos LGBTQIA](#).
- 11) **Demirromântico:** As pessoas que se identificam como demirromânticas geralmente não sentem atração romântica por pessoas com quem não têm um forte vínculo emocional.
- 12) **Demissexual:** Uma pessoa que se identifica como demissexual normalmente só sente atração sexual por uma pessoa com quem já estabeleceu um forte vínculo emocional. Algumas pessoas que são demisexuais podem não ter interesse ou apenas um leve interesse em atividade sexual.

- 13) **Gay:** Uma pessoa que se identifica como gay normalmente só sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Socialmente, as pessoas usam esse termo para se referir a homens que são romanticamente e sexualmente atraídos por homens. No entanto, aqueles na comunidade o usam como um termo abrangente.
- 14) **Ginessexual ou Ginossexual:** As pessoas que se identificam como ginessexuais sentem atração sexual por mulheres, pelo feminino e pela percepção da feminilidade, independentemente de terem ou não sido atribuídas ao sexo feminino no nascimento.
- 15) **Heterromântico:** Aqueles que são heterromânticos podem sentir atração romântica, mas não necessariamente atração sexual, por pessoas de um gênero diferente.
- 16) **Heterossexualidade:** As pessoas que são heterossexuais normalmente sentem atração sexual e romântica por pessoas de um gênero diferente do seu.
- 17) **Homorromântico:** Refere-se a pessoas que são romanticamente atraídas por pessoas de um gênero semelhante ao seu. Eles podem não ser sexualmente atraídos por pessoas do mesmo sexo.
- 18) **Homossexualidade:** A homossexualidade é um termo que descreve aqueles que são emocionalmente e fisicamente atraídos por pessoas do mesmo sexo. No entanto, o [Centro de Recursos LGBTQIA](#) afirma que esse termo está desatualizado e pode ter conotações negativas devido ao passado.
- 19) **Lésbica:** As que se identificam como lésbicas geralmente são mulheres que sentem atração sexual e romântica por outras mulheres. Algumas pessoas não binárias, que não se identificam com os sexos binários tradicionais (masculino e feminino), também podem se identificar como lésbicas. Isso pode ser porque eles sentem uma conexão mais próxima com a feminilidade e são atraídos principalmente por mulheres.
- 20) **Monossexual:** Monossexual é um termo abrangente que abrange todas as orientações sexuais que sentem uma atração romântica ou sexual por apenas um gênero. Algumas orientações sexuais sob este termo incluem heterossexualidade, gay e lésbica.

- 21) **Multissexual:** Este é um termo amplo que engloba todas as orientações sexuais nas quais as pessoas são atraídas por mais de um gênero. Algumas orientações sexuais sob este termo incluem bissexual e omnissexual.
- 22) **Pansexual e omnissexual:** Essas orientações sexuais referem-se a pessoas que sentem atração por pessoas de todos os gêneros e sexos. Um identificador típico para quem é pansexual é que o gênero não é um fator de atração sexual ou romântica. As pessoas que se identificam como omnissexuais podem ser atraídas por alguém por causa de seu gênero. Embora haja sobreposição entre esses dois termos e bissexualidade e polissexualidade, algumas pessoas podem preferir usar um termo em detrimento de outro.
- 23) **Panromântico:** Este é um termo que se refere àqueles que sentem atração romântica, mas não atração sexual, por alguém de qualquer gênero ou sexo.
- 24) **Polissexual:** As pessoas que se identificam como polissexuais sentem atração sexual ou romântica por mais de um gênero.
- 25) **Queer:** Pessoas de todas as sexualidades sob o guarda-chuva LGBTQIA+ também podem se identificar como queer. Eles podem usar o termo “queer” para recuperá-lo, já que historicamente muitos usaram o termo como um insulto. A menos que uma pessoa seja membro da comunidade LGBTQIA+, geralmente não é uma boa ideia usar esse termo.
- 26) **Escoliossexual:** As pessoas que se identificam como escoliossexuais normalmente só sentem atração por pessoas que não são binárias.
- 27) **Expectrassexual:** Expectrassexual é um termo que descreve aqueles que são romanticamente e sexualmente atraídos por vários sexos, gêneros e identidades de gênero, mas não todos eles.

A sexualidade em um espectro

Alguns sugerem que a sexualidade existe em um espectro ou escala móvel. A Escala Kinsey, que foi publicada pela primeira vez em 1948, sugeria que as pessoas não se encaixavam nas categorias heterossexuais ou homossexuais. A escala tem seis classificações, com uma categoria adicional:

0	Exclusivamente heterossexual
1	Predominantemente heterossexual, apenas incidentalmente homossexual
2	Predominantemente heterossexual, mas mais do que incidentalmente homossexual
3	Igualmente heterossexual e homossexual
4	Predominantemente homossexual, mas mais do que casualmente heterossexual
5	Predominantemente homossexual, apenas incidentalmente heterossexual
6	Exclusivamente homossexual
x	Sem contatos ou reações sociossexuais

Embora inovadora na época, a escala agora apresenta alguns problemas, pois não aborda todas as orientações e identidades sexuais possíveis.

O [Projeto Trevor](#) sugere que há uma variedade de espectros com foco em uma pessoa:

- sexo biológico
- identidade de gênero
- expressão de gênero
- apresentação de gênero
- orientação sexual

De um lado do espectro de orientação sexual, uma pessoa só pode se sentir atraída por mulheres e, do outro lado, uma pessoa só pode se sentir atraída por homens. No meio do espectro estão aqueles que sentem uma gama de atração sexual e romântica por diferentes gêneros e sexos.

É importante lembrar que uma pessoa pode sentir diferentes tipos de atração por diferentes gêneros. Por exemplo, uma pessoa pode sentir atração sexual por um ou mais gêneros e atração romântica por gêneros diferentes.

Além disso, uma pessoa pode se identificar com uma orientação sexual e experimentar diferentes níveis de atração sexual e romântica nessa orientação. Por exemplo, uma pessoa que se identifica como bissexual pode preferir mulheres a homens, e outra pode sentir maior atração romântica por mulheres, mas atração sexual mais forte por outros gêneros.

Por que a sexualidade importa?

A sexualidade de uma pessoa determina por quem ela sente atração romântica ou sexual. As pessoas podem sentir que rotular sua sexualidade as ajuda a lidar com qualquer opressão ou dificuldade que enfrentam. Também pode ajudá-los a encontrar uma comunidade na qual possam compartilhar suas experiências.

As pessoas também podem achar útil conhecer os termos que descrevem outras orientações sexuais. Ao conhecer a terminologia, as pessoas podem entender melhor a sexualidade de outra pessoa.

As pessoas precisam identificar sua orientação sexual?

As pessoas não precisam necessariamente se identificar como um tipo de orientação sexual e ela pode mudar com o tempo (**esse é o pensamento corrente e não o pensamento cristão**). Eles também podem escolher um termo abrangente, mas não encontrar um rótulo que descreva com precisão sua experiência.

No entanto, algumas pessoas podem achar que escolher um rótulo para sua orientação sexual ou romântica as ajuda a formar comunidades com outras pessoas que podem compartilhar experiências semelhantes.

Onde uma pessoa pode receber apoio?

Alguns grupos e clínicas aos quais as pessoas podem recorrer para obter apoio incluem:

- **O Projeto Trevor**, que é uma organização que presta apoio à comunidade LGBTQ;
- **Audre Lorde Project**, que é uma organização sediada em Nova York que promove a justiça social para a comunidade LGBTQIA+;
- **Zuna Institute**, que é uma organização de defesa de lésbicas negras;
- **National Queer Asian Pacific Islander Alliance**, que é uma organização que apoia a comunidade LGBTQ;
- **O Instituto Americano de Bissexualidade**, que é uma organização que apoia pessoas que são bissexuais;

- **CenterLink**, que é um site onde as pessoas podem encontrar seus centros comunitários LGBTQ locais;
- **Equality Federation**, que possui um diretório de organizações LGBTQ em todo o estado.

No Brasil, as pessoas podem encontrar apoio em diferentes espaços. De acordo com a **Revista Galileu**, estas são 10 iniciativas voltadas para a população LBTQIA+:

- **Destination Pride**: *Este site permite uma simples busca pelas cidades que você pretende visitar. Viajar para uma nova região do país ou do mundo sendo uma pessoa LGBT não é sempre tão simples.*
- **Casa 1**: *Centro cultural e república de acolhimento LGBT na cidade de São Paulo. O espaço oferece abrigo para até 12 pessoas maiores de 18 anos de idade que foram expulsas de casa.*
- **Casa Nem**: *É um local de abrigo para transsexuais, travestis e homossexuais em situação de vulnerabilidade no Rio de Janeiro. A gestão do espaço é baseada em voluntariado e no apoio de pessoas que doam alimentos, móveis e dinheiro.*
- **Vote LGBT**: *O coletivo tem a preocupação de estar envolvido na política nacional e mundial, acompanhando projetos de leis, lutando por representatividade e pelos direitos da minoria.*
- **Sarau Manas e Monas**: *Iniciativa criada por um coletivo em São Paulo. O projeto promove discussões sobre questões da mulher, gênero e direitos para todas as minorias.*
- **Mães pela Diversidade**: *O apoio familiar quando um indivíduo da família se descobre e se assume LGBT é essencial. Pensando nisso, diversas mães formaram este coletivo, que atua em diversos estados do país.*
- **English to Trans-form**: *Professores voluntários oferecem aulas de inglês, na cidade de São Paulo para mulheres e homens trans e pessoas da comunidade LGBT que sofrem preconceito.*
- **TODXS**: *Startup criou este aplicativo para que a pessoa LBTQIA+ conheça todos os seus direitos como cidadão, qual lei deve assegurar segurança e proteger de atos de preconceito.*

- **Tamanduás-Bandeira Rugby Club**: Focado na prática de rúgbi para pessoas LBTQIA+ que moram em São Paulo.
- **Gaymada**: Uma mistura de atividade física com ativismo, seria uma versão LGBT da tradicional brincadeira queimada. Busque as datas dos jogos no site e redes sociais.

Para acolhimento com enfoque na saúde mental, a **Revista Veja Saúde** também traz a dica do serviço **Acolhe LGBT**. É uma plataforma que conecta pessoas LGBT+ que precisam de acolhimento psicológico com profissionais que podem ajudá-las de forma voluntária.

A tradição cristã reconhece dois estados principais de vida em relação à sexualidade: o matrimônio e o celibato. Timothy Keller ressalta que a sexualidade foi criada para expressar um compromisso total e exclusivo dentro do pacto matrimonial, afirmando que “o sexo foi feito para ser a renovação física de um voto de aliança” (KELLER; KELLER, 2014, p. 226). Essa perspectiva destaca a dimensão sagrada da união conjugal, na qual a sexualidade assume um papel integral para a expressão do amor e da fidelidade entre os cônjuges.

No enfrentamento dos desafios pastorais relacionados à diversidade sexual, autores como Mark Yarhouse propõem uma abordagem que equilibra a fidelidade bíblica com o amor pastoral, enfatizando a necessidade de lidar com a tensão entre convicção teológica e acolhimento (YARHOUSE, 2015, p. 62). Preston Sprinkle também contribui para esse diálogo ao defender que é possível manter a verdade bíblica enquanto se ama radicalmente as pessoas, inclusive aquelas que se identificam como LGBT (SPRINKLE, 2015, p. 18). No âmbito adventista, Richard M. Davidson reforça a visão bíblica tradicional da sexualidade como heterossexual, monogâmica e comprometida com o pacto da aliança, fundamentando sua argumentação em uma análise exegética detalhada (DAVIDSON, 2007, p.58). Essas contribuições juntas promovem um entendimento que busca conciliar princípios doutrinários com uma postura de respeito e cuidado pastoral.

Leitura Sugestiva - Livro

DEUS, CASAMENTO E FAMÍLIA: RECONSTRUINDO O FUNDAMENTO BÍBLICO. Autor: Andreas J. Köstenberger. Editora: Vida Nova.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente visibilidade das múltiplas formas de vivência da sexualidade humana desafia as estruturas sociais, culturais e religiosas a repensarem suas abordagens diante da complexidade que envolve a identidade, o afeto e o desejo. No contexto cristão, esse desafio se intensifica, pois exige uma tensão constante entre a fidelidade às Escrituras e a prática do amor ao próximo, que é a base do evangelho. Ao longo deste trabalho, procurou-se apresentar uma visão abrangente dos diferentes tipos de sexualidade e identidade afetiva, com o objetivo de ampliar o entendimento e combater a desinformação e o preconceito. Ao mesmo tempo, buscou-se refletir sobre como a fé cristã pode responder a essas realidades de maneira bíblica, respeitosa e pastoral.

É importante ressaltar que reconhecer a diversidade não significa concordar irrestritamente com todos os comportamentos, mas implica, antes de tudo, compreender que toda pessoa é portadora de dignidade e merece ser tratada com respeito. A igreja é chamada a ser um espaço de acolhimento, não de exclusão. Isso não quer dizer abrir mão de seus princípios, mas aprender a comunicar a verdade com amor, como ensina o apóstolo Paulo (Ef 4.15). Em vez de promover julgamentos apressados ou discursos excludentes, é necessário que líderes e membros da comunidade cristã se preparem para o diálogo informado, empático e responsável.

Portanto, as considerações finais apontam para a urgência de uma revisão tanto teológica quanto pastoral das abordagens sobre sexualidade. A missão da igreja em tempos de mudanças culturais é, mais do que nunca, testemunhar a graça de Deus de forma relevante e compassiva. Isso só será possível quando os cristãos souberem equilibrar convicção e compaixão, verdade e misericórdia, doutrina e humanidade — elementos indissociáveis do evangelho de Cristo.

HORA DE REVISAR

Diante da complexidade e abrangência do tema da sexualidade humana e suas múltiplas expressões, é fundamental realizar uma revisão cuidadosa dos conceitos abordados, bem como da forma como a fé cristã se posiciona diante dessas

questões. A revisão não diz respeito apenas à checagem de informações técnicas ou terminológicas, mas também à disposição de reavaliar posturas, preconceitos e interpretações bíblicas à luz de um evangelho que prioriza o amor, o respeito e a dignidade humana. Este é o momento de considerar se os argumentos apresentados estão bem fundamentados, se as fontes utilizadas são confiáveis e se o texto cumpre com clareza e coerência os objetivos propostos. Revisar, portanto, é um ato de responsabilidade acadêmica e ética, especialmente quando se trata de temas tão sensíveis e relevantes para a sociedade e a igreja.

REFERÊNCIAS

- DAVIDSON, Richard M. **Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2007.
- KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. **O Significado do Casamento: Enfrentando as Dificuldades do Compromisso com a Sabedoria de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- SPRINKLE, Preston. **People to Be Loved: Why Homosexuality Is Not Just an Issue**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2015.
- YARHOUSE, Mark. **Understanding Sexual Identity: A Resource for Youth Ministry**.

UNIDADE 4 – SEXO FORA DO CASAMENTO: UMA PERSPECTIVA BÍBLICA E PASTORAL

Objetivos

- Analisar a prática do sexo fora do casamento à luz da cosmovisão bíblica e pastoral;
- Refletir sobre as causas e motivações que levam à infidelidade conjugal;
- Apresentar diretrizes práticas para o aconselhamento cristão em casos de traição conjugal.

A prática do sexo fora do casamento tornou-se cada vez mais comum e aceita na sociedade contemporânea. A coabitação de casais não casados, as relações sexuais pré-conjugais, o adultério e a masturbação são aspectos visíveis de uma cultura que frequentemente dissocia prazer sexual de compromisso conjugal. Esse fenômeno é impulsionado por uma filosofia hedonista, que busca o prazer como fim último, e por uma sociedade que transforma o sexo em produto e entretenimento (DOBSON, 1992, p. 47).

A Bíblia, no entanto, apresenta uma visão sagrada e relacional da sexualidade humana. Criado por Deus, o sexo tem como propósito o fortalecimento do vínculo conjugal entre um homem e uma mulher unidos pelo casamento. Em Gênesis 2:24, lemos: “Portanto deixará o homem seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.” A união sexual é parte desse mistério da unidade e da intimidade, sendo abençoada por Deus dentro dos limites da aliança matrimonial.

A Sexualidade na Perspectiva Bíblica

Segundo Karl Barth, a sexualidade é mais do que um impulso biológico; é a expressão da nossa semelhança com Deus na capacidade de amar, confiar, compartilhar intimidade e viver em comunhão (BARTH, 1962, p. 175). Trata-se de um dom relacional, que deve ser vivido com responsabilidade e reverência. A sexualidade sadia inclui não apenas o corpo, mas também a alma e o espírito, envolvendo ternura, compromisso e fidelidade.

Lewis Smedes argumenta que o sexo “pulsa dentro de nós como um movimento em direção ao relacionamento, intimidade e companheirismo” (SMEDES, 1976, p. 11). O prazer, portanto, não é fim em si mesmo, mas consequência do amor comprometido. Essa visão está em contraste com a cultura contemporânea, na qual o sexo é frequentemente banalizado e distorcido.

O apóstolo Paulo foi enfático ao ensinar que a fornicação (sexo fora do casamento) e o adultério são comportamentos pecaminosos, contrários à vontade de Deus. Em 1 Coríntios 6:18-20, ele adverte: “Fugi da impureza... o corpo de vocês é templo do Espírito Santo.” A palavra grega traduzida como “fornicação” (porneia) aparece 47 vezes no Novo Testamento e refere-se à imoralidade sexual em geral, incluindo relações sexuais pré-conjugais e extraconjugais (WHITE, 2002, p. 332).

Pensamentos e Atos: A Seriedade do Pecado Sexual

Jesus Cristo ampliou o entendimento do pecado sexual ao incluir também os pensamentos lascivos e as fantasias mentais. No Sermão do Monte, Ele declarou: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura no coração, já adulterou com ela” (Mt 5:28). Portanto, o pecado não está apenas no ato consumado, mas também no desejo alimentado secretamente.

A luxúria — definida como desejo sexual impuro — é combatida por toda a Escritura. Jay E. Adams considera que “a masturbação é claramente errada, pois constitui uma perversão do ato sexual” (ADAMS, 1979, p. 142). Em contraste, Charlie Shedd chama a masturbação de “uma bênção”, se usada como meio de controle pessoal para evitar relações sexuais ilícitas (SHEDD, 1965, p. 88). No entanto, a maioria dos autores cristãos recomenda cautela, devido ao envolvimento quase inevitável de pensamentos lascivos (DOBSON, 1992, p. 51).

Consequências Espirituais e Emocionais

O sexo fora do casamento não apenas fere a vontade de Deus, mas também traz consequências emocionais, espirituais e sociais. A perda da intimidade verdadeira, o sentimento de culpa, a degradação dos relacionamentos e o distanciamento de Deus são apenas algumas das marcas deixadas pelo pecado sexual. A liberdade que muitos alegam ter, na verdade, transforma-se em

escravidão. Como disse Paulo: “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém... não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Co 6:12).

Ellen G. White alerta: “Aqueles que se entregam aos desejos sensuais logo se tornam escravos de suas próprias paixões” (WHITE, 2002, p. 333). O uso indevido do dom da sexualidade conduz ao vazio existencial e ao sofrimento moral.

O Caminho da Restauração

Contudo, a graça de Deus é maior do que qualquer pecado. Há perdão, cura e restauração para os que se arrependem sinceramente e buscam viver uma vida de pureza. O mesmo apóstolo Paulo, após listar os pecados sexuais em 1 Coríntios 6:9-10, afirma: “E é o que alguns de vocês eram. Mas vocês foram lavados, santificados e justificados em nome do Senhor Jesus Cristo” (v.11).

Portanto, o chamado divino não é para uma repressão vazia, mas para uma vida de liberdade verdadeira, onde o sexo encontra seu sentido mais profundo no amor comprometido, fiel e abençoado por Deus dentro do casamento.

As muitas razões para a prática sexual fora do casamento

A infidelidade conjugal é um fenômeno complexo, multifatorial e profundamente humano. Diversas razões podem levar uma pessoa casada a buscar relações extraconjugais, desde fatores emocionais e psicológicos até influências socioculturais e espirituais. Essa realidade, embora dolorosa, precisa ser compreendida à luz da fé, da psicologia e da ética cristã, visando não à condenação imediata, mas à restauração da pessoa e do casal.

Uma das razões frequentemente apontadas para a prática sexual fora do casamento é a **insatisfação emocional** dentro da relação conjugal. Quando um dos cônjuges se sente emocionalmente negligenciado, ignorado ou rejeitado, pode buscar fora do lar aquilo que não encontra mais em casa: atenção, carinho, afeto e valorização. Conforme Gary Chapman (2011, p. 24), “a necessidade de amor emocional é nossa necessidade mais básica nos relacionamentos conjugais”. Quando esse “tanque do amor” está vazio, a vulnerabilidade ao adultério cresce significativamente.

Além disso, **a rotina sexual monótona e a ausência de intimidade física satisfatória** podem se tornar gatilhos poderosos. Muitos cônjuges enfrentam dificuldades em conversar abertamente sobre desejos e expectativas na área sexual, o que pode levar à frustração acumulada. Willard F. Harley Jr. (2007, p. 45), em seu livro *As necessidades dele, as necessidades dela*, afirma que “as relações extraconjugais ocorrem, muitas vezes, porque um dos cônjuges deixa de suprir necessidades emocionais e sexuais fundamentais do outro”.

Outro fator relevante é o **narcisismo e o desejo de autoafirmação**. Algumas pessoas buscam casos extraconjugais não necessariamente porque estejam infelizes em seu casamento, mas para alimentar o ego, experimentar novas sensações ou se sentirem desejadas novamente. Esther Perel (2017, p. 41), psicoterapeuta especializada em relacionamentos, declara que “o adultério, por mais paradoxal que pareça, pode não ser sobre o outro, mas sobre quem a pessoa se tornou ou deixou de ser dentro da relação”.

Influências culturais e midiáticas também desempenham papel importante. Vivemos numa sociedade que romantiza a infidelidade e naturaliza o sexo casual. A erotização da publicidade, a banalização dos compromissos afetivos e a propagação de uma liberdade sexual sem limites podem enfraquecer os vínculos conjugais. Zygmunt Bauman (2004, p. 98) alerta que, na “modernidade líquida”, os relacionamentos são cada vez mais frágeis e descartáveis, reduzidos a meros contratos temporários de prazer e conveniência.

Outro ponto a considerar é a **ausência de compromisso espiritual e de princípios morais sólidos**. A fé cristã, quando vivida de forma autêntica, fortalece os votos matrimoniais e funciona como um antídoto contra tentações. Ellen G. White (2001, p. 125) escreve: “A pureza de vida, a fidelidade nos pensamentos e nas ações, é o que Deus requer de todos os que professam Seu nome. O adultério começa no coração”. Quando a espiritualidade enfraquece, abre-se espaço para que desejos egoístas tomem o lugar do compromisso e da fidelidade.

Por fim, deve-se mencionar os casos de **vingança emocional**, em que um dos cônjuges trai após ter sido traído, como forma de retribuição ou tentativa de compensação emocional. Embora compreensível no campo das emoções humanas,

essa atitude revela a necessidade de cura profunda e diálogo restaurador, e não de vingança.

A soma desses fatores evidencia que a prática sexual fora do casamento raramente é motivada por um único elemento. Trata-se, geralmente, de um processo gradual, alimentado por mágoas não resolvidas, carências não atendidas e escolhas mal direcionadas. A comunidade cristã, ao invés de apontar o dedo, é chamada a caminhar junto com os feridos, oferecendo graça, perdão, orientação e restauração.

Aconselhamento Cristão no Contexto da Traição Conjugal

A infidelidade conjugal é uma das experiências mais traumáticas no contexto do casamento. Para os cônjuges envolvidos — o que traiu e o que foi traído — o abalo emocional, espiritual e psicológico pode ser devastador. Nesse cenário, o papel do conselheiro cristão torna-se crucial. Não se trata apenas de oferecer conforto ou aplicar fórmulas prontas, mas de discernir espiritualmente, ouvir com empatia e conduzir os envolvidos à restauração, à verdade e, se possível, à reconciliação.

O conselheiro deve ser alguém espiritualmente maduro, emocionalmente equilibrado e capacitado bíblicamente. Segundo Gary Chapman (2014, p. 94), “o conselheiro deve ouvir mais do que falar, e amar mais do que julgar”. O amor cristão não ignora o pecado, mas não rejeita o pecador. Portanto, o equilíbrio entre graça e verdade é indispensável. Ellen G. White (2004, p. 208) enfatiza que “os que têm o encargo de almas devem ser vigilantes e bondosos. Nunca devem tratar com aspereza os que erram, mas com amor e oração”.

Aconselhamento ao cônjuge que traiu

A primeira etapa é encarar a realidade dos fatos com honestidade. Negação, minimização ou terceirização da culpa apenas prolongam a dor e dificultam o processo de restauração. O cônjuge que traiu precisa ser conduzido ao arrependimento genuíno (2Co 7.10), reconhecendo que quebrou não apenas uma promessa conjugal, mas também princípios divinos de fidelidade, verdade e amor.

O conselheiro deve ajudar esse indivíduo a compreender os motivos que o levaram à traição. Em muitos casos, estão presentes carências afetivas não

verbalizadas, imaturidade emocional, pressão sexual, fantasias alimentadas pela pornografia ou ressentimentos acumulados. Mas nenhuma dessas razões justifica o adultério. O reconhecimento da responsabilidade pessoal é fundamental.

Além disso, o conselheiro deve orientar sobre a necessidade de transparência com o cônjuge ofendido. Isso inclui responder perguntas difíceis, dar acesso aos meios de comunicação e tomar atitudes práticas que demonstrem mudança de comportamento. Para Cloud e Townsend (2002, p. 138), “o verdadeiro arrependimento envolve atitudes concretas, não apenas palavras bonitas”.

Aconselhamento ao cônjuge traído

O cônjuge traído sofre com uma dor aguda, descrita muitas vezes como “luto com o outro vivo”. A confiança foi quebrada, a autoestima ferida e o sentimento de segurança destruído. O conselheiro cristão precisa, nesse momento, ser um porto seguro, validando a dor, acolhendo a revolta e mostrando que Deus não o abandonou.

É importante evitar pressões para que o cônjuge ferido “perdoe logo” ou “salve o casamento a qualquer custo”. Cada pessoa tem seu tempo e precisa processar os sentimentos de modo autêntico. O perdão, embora recomendado por Jesus (Mt 6.14–15), deve brotar de um coração transformado, e não de uma obrigação religiosa. Como ressalta Wright (2007, p. 112), “o perdão é um processo que começa com a decisão de não se vingar, mas exige tempo para cicatrizar”.

Ao mesmo tempo, o conselheiro deve ajudar a vítima a não se fixar no papel de vítima, evitando atitudes destrutivas como vingança, manipulação emocional ou chantagem afetiva. O objetivo é recuperar sua dignidade, identidade e comunhão com Deus. Mesmo que a reconciliação não ocorra, a restauração pessoal é possível.

Recomendações práticas aos conselheiros

- 1) **Seja imparcial:** Evite tomar partido no início. Ambos precisam ser ouvidos sem julgamento. Isso fortalece a confiança e favorece um ambiente terapêutico seguro.

- 2) **Guarde o sigilo:** A confidencialidade é sagrada. Nada deve ser exposto sem o consentimento dos envolvidos, a não ser em situações que exijam intervenção legal ou pastoral urgente.
- 3) **Promova sessões individuais e conjugais:** Comece com atendimentos separados, especialmente se houver muita dor ou raiva. À medida que o ambiente amadurece, introduza encontros conjugais.
- 4) **Use a Bíblia com sabedoria:** Textos bíblicos devem ser aplicados com cuidado, respeitando o momento emocional de cada pessoa. Versículos como João 8.11 (“Vai e não peques mais”) e Isaías 1.18 (“Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata...”) podem ser fontes de consolo e direção.
- 5) **Seja paciente com o tempo de cura:** O processo pode levar meses ou até anos. O conselheiro deve caminhar com o casal ou com a parte interessada, sem impor prazos.
- 6) **Trabalhe com equipes pastorais e especialistas:** Quando necessário, encaminhe para psicólogos cristãos, terapeutas conjugais ou grupos de apoio. O aconselhamento não substitui a terapia, mas pode ser complementar.
- 7) **Ore com e pelos aconselhados:** A oração é uma ferramenta poderosa de cura. O conselheiro deve interceder e encorajar os cônjuges a buscarem direção em Deus.

Por fim, todo conselheiro deve reconhecer seus próprios limites. Não somos salvadores, mas instrumentos. A cura verdadeira vem de Deus. Como afirma Ellen G. White (2013, p. 360), “os que se acham sob a guia do Espírito Santo serão prudentes no trato com as almas, pacientes nas dificuldades, fortes nas tentações, e fiéis ao dever”.

Leitura Sugestiva - Livro

ACONSELHAMENTO CRISTÃO de autoria de Gary R. Collins. Editora Vida Nova. Ler o capítulo 5 que trata do Sexo e Questões Interpessoais. Esse livro poderá ser encontrado na internet e em sebos também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o sexo fora do casamento, sob a ótica bíblica e pastoral, revela a importância de resgatar valores que promovam o amor verdadeiro, a fidelidade e o respeito mútuo entre os cônjuges. Embora a sociedade contemporânea muitas vezes banalize ou relativize a sexualidade, a Palavra de Deus nos convida a enxergá-la como um dom sagrado, reservado para o contexto do casamento. Esse entendimento não visa restringir, mas proteger o ser humano, preservando a dignidade, a intimidade e a comunhão espiritual que somente o compromisso conjugal pode proporcionar.

Finalmente, é fundamental que a igreja e os conselheiros cristãos estejam preparados para oferecer suporte, orientação e acolhimento às pessoas que enfrentam os desafios do adultério e da infidelidade. A restauração é possível através da graça divina, do arrependimento sincero e do trabalho paciente na reconstrução dos vínculos afetivos. Que a comunidade cristã, pautada no amor e na verdade, seja um instrumento de cura e esperança, promovendo relacionamentos saudáveis e firmes na fidelidade ao chamado de Deus para o casamento.

HORA DE REVISAR

Diante da crescente aceitação do sexo fora do casamento na sociedade contemporânea, é urgente revisarmos nossa compreensão à luz da Bíblia e da fé cristã. A dissociação do prazer sexual do compromisso matrimonial não apenas contraria os ensinamentos sagrados, mas também provoca profundas consequências emocionais, espirituais e sociais. O sexo, conforme revelado nas Escrituras, é um dom de Deus para a expressão do amor, da intimidade e da fidelidade dentro da aliança matrimonial. Desvinculá-lo desse contexto compromete não só a saúde do relacionamento conjugal, mas também o bem-estar integral dos envolvidos, resultando em sentimentos de culpa, vazio existencial e afastamento de Deus.

A revisão desse tema requer, ainda, uma abordagem pastoral que vá além da condenação, promovendo o diálogo, a graça e a restauração. O papel do conselheiro cristão é fundamental para conduzir tanto quem cometeu o pecado quanto quem sofreu a dor da traição, auxiliando-os a entender as causas profundas

da infidelidade e a buscar cura verdadeira. A comunidade de fé deve agir como um espaço seguro onde o amor, o perdão e a renovação possam florescer, reafirmando que a sexualidade encontra seu propósito mais elevado quando vivida com responsabilidade, compromisso e reverência, segundo os princípios bíblicos.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Jay E. **A theology of Christian counseling: more than redemption.** Grand Rapids: Zondervan, 1979.
- BARTH, Karl. **Church dogmatics. Vol. III.4: the doctrine of creation.** Edinburgh: T&T Clark, 1962.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CHAPMAN, Gary. **As cinco linguagens do amor: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge.** São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- CHAPMAN, Gary. **Esperança para o casamento ferido: como sobreviver ao adultério.** São Paulo: Mundo Cristão, 2014.
- CLOUD, Henry; TOWNSEND, John. **Limites no casamento.** São Paulo: Vida, 2002.
- DOBSON, James. **Amor, sexo e o sentido da vida.** São Paulo: United Press, 1992.
- HARLEY Jr., Willard F. **As necessidades dele, as necessidades dela.** São Paulo: United Press, 2007.
- PEREL, Esther. **Casos e casos: repensando a infidelidade.** São Paulo: Objetiva, 2017.
- SHEDD, Charlie W. **Letters to Karen: a father's advice on keeping love in marriage.** New York: Harper & Row, 1965.
- SMEDES, Lewis B. **Sex for Christians.** Grand Rapids: Eerdmans, 1976.
- WHITE, Ellen G. **O lar adventista.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- WHITE, Ellen G. **Obreiros evangélicos.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WRIGHT, H. Norman. **O que fazer quando o adultério acontece: conselhos para reconstruir a confiança.** São Paulo: CPAD, 2007.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f **o** **/malta**faculdade

🌐 www.faculdademalta.edu.br